A silenciosa revolução do Brasil

Nos anos 80, saneamento básico aumentou, rede hospitalar cresceu e analfabetismo caiu

Rachel Bertol

Pobreza, injustiça social, discriminação. Os problemas persistem no Brasil de hoje, mas nem de longe lembram o quadro negro de três décadas atrás. O novo "Relatório sobre o Desenvolvimento Humano no Brasil", divulgado na segunda-feira pela ONU, mostra que o país melhorou, e muito, de 1960 para cá. Nos últimos dois anos, com o Real, as melhoras se acentuaram. A queda da inflação fez muito bem à economia e, se as mudanças trazidas pelo plano se aprofundarem, o país terá dado um passo importante para sair da pobreza. O presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Simon Schwartzman, vislumbra uma evolução para todos os indicadores sociais.

— As mudanças estruturais são lentas, mas o Real criou muitas expectativas favoráveis a respeito do país — afirma.

As alterações, de acordo com Schwartzman, ocorrerão no ritmo do crescimento da economia:

— Não será nada explosivo, porque o crescimento está ocorrendo de forma contida.

Segundo ele, o Brasil deve melhorar sua posição no próximo *ranking* mundial a ser elaborado pela ONU, no ano que vem. Nada disso, porém, veio de uma hora para outra. O relatório indica que o Brasil passou por uma silenciosa revolução nos anos 80, conhecidos como os da década perdida. Foi nessa época que o país mais expandiu a sua rede de escolas e hospitais, além de investir fortemente em saneamento básico. O esgotamento sanitário, por exemplo, que até 1981 chegava a apenas 54% dos domílicios, hoje abrange 69% das residências. Com relação à coleta de lixo, a parcela da população atendida passou de 63% para 68%. Isso sem contar com a redução do analfabetismo de 33% da população para 22% em 1990. Essas melhorias foram detectadas pela ONU.

A primeira vez que a organização começou a investigar esse assunto, o Brasil estava em 80 lugar no *ranking* mundial. Pelo relatório de 1996, com dados do censo de 1991, pulou para 63º lugar:

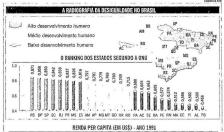
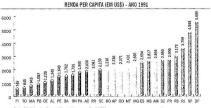
— O desenvolvimento humano no Brasil só cresceu nos últimos anos — diz um técnico da ONU.

No Real, população pôde consumir mais

Desde o início do Real, a principal beneficiada foi a população de baixa renda, que está podendo comer melhor, trocar a geladeira e a TV. Nas seis maiores regiões metropolitas do país, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Real reduziu em cinco milhões o contingente de miseráveis. O sonho do consumo deixou de ser utopia, mas há muito o que fazer na área da saúde, educação, qualidade de vida...

O presidente do IBGE diz que o sistema educacional do Brasil, hoje, está no limiar de uma revolução:

— Estão sendo realizadas medidas que terão grande impacto nos próximos anos — ressalta.

A começar pelos projetos de lei que o Governo está tentanto aprovar no Congresso. Schwartzman explica que o objetivo é aumentar o investimento em educação básica — por exemplo, aumentando de cerca de R$ 100 para R$ 300 o gasto com cada estudante nos municípios. Nos grandes centros urbanos, o analfabetismo entre os jovens está praticamente erradicado. E experiências como a de Minas Gerais, onde se adotou um sistema inovador para gerenciar a educação básica, também contribuirão para a evolução, diz ele.

Os indicadores de saúde também melhoram:

— As políticas de saneamento, as campanhas de vacinação, a difusão do soro caseiro e o atendimento comunitário do ministério da Saúde certamente melhoram os indicadores do setor. A mortalidade infantil está caindo — diz Schwartzman.

A participação das mulheres na população economicamente ativa (PEA) está crescendo: na década de 80, a taxa passou de 31% para 35%. Mas elas continuam ganhando menos do que os homens:

— Em algumas situações, o salário é tão baixo que é mais vantajoso para a mulher ficar em casa, cuidando dos filhos, para que não fiquem abandonados — afirma Schwartzman.

A médio e longo prazo, porém, a tendência é de a remuneração das mulheres aumentar, porque, nos últimos anos, se detectou que seu nível educacional é mais alto que os dos homens. Nas grandes cidades, o número de mulheres chefes de família tem aumentado. O que significa, diz ele, que há mais famílias pobres no país. A respeito da taxa de fecundidade, o presidente do IBGE explica que o Brasil já atingiu o nível dos países europeus — onde há programas para incentivar a natalidade.

— Aqui ainda não temos problemas desse tipo porque a população é muito jovem — explica.

Nos últimos anos, a ocupação do Centro-Oeste do Brasil se acentuou — é o terceiro Brasil apontado na pesquisa — com aumento dos investimentos na região e da qualidade de vida das pessoas. O Nordeste continua muito miserável, embora políticas estaduais de desenvolvimento — como no Ceará — estejam melhorando a qualidade de vida da população, diz o presidente do IBGE.

Para Schwartzman, a importância da pesquisa da ONU é mostrar ao mundo a complexidade do país:

— Não podemos classificar o Brasil com um rótulo, com imagens simplificadas. O Brasil é uma combinação de diversos fatores. É preciso superar os clichês e as idéias preconcebidas para olhar que país é este. ■

Editoria de Arte

A RADIOGRAFIA DA DESIGUALDADE NO BRASIL

Fonte: Relatório sobre Desenvolvimento Humano no Brasil/1996

• Por ter havido erro na edição de ontem, estamos republicando dois gráficos do relatório da ONU

CORPO A CORPO

EDUARDO GUIMARÃES

'Falta reformar o Estado'

• É injusto chamar os anos 80 de década perdida: foi naquela época, afinal, que o Brasil mais expandiu sua rede de escolas e hospitais. Para Eduardo Guimarães, coordenador técnico do relatório da ONU, foi assim, afinal, que o país conseguiu se preparar para o salto econômico dos anos 90.

Germana Costa Moura

O GLOBO: *O "Relatório Sobre o Desenvolvimento Humano no Brasil" mostra que o país tem uma das mais altas concentrações de renda do mundo. Mas na comparação com outros países o Brasil melhorou?*

EDUARDO GUIMARÃES: Não há dúvida de que o Brasil melhorou. É verdade que na década de 80, por causa da inflação, houve o aumento da concentração de renda. Mas no conjunto de indicadores sociais, como escolaridade, saneamento e saúde, o Brasil evoluiu muito. Hoje está em 63º lugar no *ranking* mundial, entre o médio e o alto desenvolvimento humano. Já esteve bem atrás.

• *Então seria um exagero chamar a década de 80 de década perdida?*

GUIMARÃES: O mais correto é falar em década medíocre. Diante do milagre econômico dos anos 70 e do crescimento da década anterior, os anos 80 decepcionaram. Foi um período de maturação de investimento social.

• *O senhor pode citar exemplos concretos desse avanço nas condições sociais nos últimos anos?*

GUIMARÃES: A parcela de domicílios atendida com coleta regular de lixo aumentou de 63% para 68% entre 1981 e 1990. Quanto ao esgotamento sanitário, a taxa subiu de 54% para 69%. Além disso, até os anos 70, as principais causas de morte no país eram associadas à pobreza, como doenças parasitárias. Hoje, esta é a sexta causa de morte do país: em primeiro vêm doenças típicas de países desenvolvidos, como as de coração.

• *Por que, então, vivemos uma estagnação econômica na década passada?*

GUIMARÃES: Está claro que apostamos num modelo de desenvolvimento que já estava esgotado. Nossa economia era muito fechada e tinha uma participação muito pesada do Estado. O relatório aponta isso claramente.

• *Quais as alternativas propostas pela relatório a esse modelo esgotado?*

GUIMARÃES: A reforma do Estado. É preciso garantir que o dinheiro público seja bem empregado.